

“60 ANOS DA GEOGRAFIA UFRGS”

Prof. Dr.º Nelson Rego:

Bom, boa tarde!

E em primeiro lugar, então, eu me sinto muito honrado e comovido por ser escolhido pelos nossos colegas de curso como um professor representativo para falar sobre a história da geografia, do departamento e do curso. Nos dias que antecederam esse dia de hoje, eu pensei algumas vezes como poderia falar. Oscilava entre uma abordagem mais objetiva, digamos, dizendo que o curso é assim, se estrutura dessa e dessa maneira.

No passado, se estruturou de tal e tal maneira, ou uma abordagem mais pessoal, mais subjetiva pegando a minha própria história no curso como um fio condutor de acontecimentos. Tanto uma abordagem como a outra me pareciam que tinham seus limites, até que ontem eu percebi que o meu inconsciente me dizia como eu deveria fazer minha fala hoje, porque nesses dias que antecederam hoje vinham fluxos de imagens na minha mente, muitos fluxos de imagens e essas imagens eram parte da história do curso e era. Simplesmente, bastava eu seguir esse fluxo de imagens que eu teria a idéia do que eu deveria falar aqui hoje e colocar algumas palavras que identificassem alguns significados desses fluxos de imagem.

Bom, esses fluxos de imagem me mostravam simultaneamente o cruzamento de duas coisas: uma, digamos assim, é gratificação, recompensa; e outra, debate, briga, conflito. Essas duas coisas sempre estiveram cruzadas em parte da história que eu acompanhei do nosso curso e do nosso departamento. Gratificação cada vez que tem uma banca de graduação de alunos, hoje de mestrado. Esta notícia que nós recebemos hoje, vinda da parte do professor Ayup, do nosso conceito A no provão, a provável implantação do nosso doutorado este ano ou próximo ano, o crescimento do curso das linhas de pesquisa, os projetos, a chegada de novos colegas, o desenvolvimento, enfim, dessas linhas de pesquisa, publicações, as nossas articulações com trabalhos externos, com o poder público, com escolas, com o poder público privado e assim por diante.

É uma história de muitas gratificações de realmente muitas recompensas e de uma sensação de trabalho bem feito. Se entremeiam com essas imagens, essas muitas lembranças, muitos rostos que eu vejo, muitos acontecimentos, muitos ambientes físicos também. Se entremeiam com essas imagens, também, essas imagens de conflito, de discussões longas, de

reuniões de departamento longas que começaram às duas da tarde e terminaram às nove da noite, de conflitos pessoais, de discussões passadas, e assim por diante.

Essas discussões, qual era o veículo ou motivo naquele momento? Nós debatíamos coisas tais como: deveriam ou não existir tais e tais pré-requisitos e que quantidade para uma disciplina, quantas vezes nós discutíamos currículo, como deveria ser a inserção no currículo. Nós fizemos isso várias vezes e modificamos algumas vezes o currículo, a nossa relação seria mais próxima com as ciências humanas, com a história inclusive, ou com as ciências da natureza, ciências físicas, a geologia, por exemplo? Qual o grau de participação da Cartografia no nosso curso? Como deveriam ser avaliados os alunos, o sistema de avaliação, como nós deveríamos selecionar para o mestrado? Como disponibilizar o uso de recursos sempre escassos, de uma maneira sempre escassa frente a necessidades maiores para trabalho de campo, seja na graduação, seja, no pós, compra de equipamentos e assim por diante? São discussões de várias naturezas que colocavam nós, professores, alunos, representantes de alunos, muitas vezes em posições contrárias e essas discussões chegavam, muitas vezes, a um grau de bastante densidade, de bastante contradição mesmo. Junto com isso se permeavam outras situações também: como deveríamos ou não entrar em greve? Haveria uma greve? Às vezes havia pessoas que apoiavam, outras que eram contra e assim por diante. Qual nossa relação com o espaço físico? Até onde vai a nossa responsabilidade em manter as salas, fechar portas, etc. Um cotidiano de pequenas coisas, de minúcia, outras vezes com coisas maiores, mas que sempre é um cotidiano de idéias contraditórias e de debate.

Essas contradições, esses embates... quando mais jovem, bem mais jovem, entrei muito cedo, também no departamento, como professor, eu via esses debates numa dimensão quase pessoal, como se fosse a pessoa A discutindo com a pessoa B e assim por diante. À medida que o tempo passou, eu fui percebendo que essas discussões estavam ancoradas num contexto maior, no contexto da universidade, da universidade frente ao Estado brasileiro. Também no contexto da história brasileira, as contradições da nossa sociedade, o uso dos recursos públicos, as prioridades que se estabelecem para nosso país, para os caminhos que se tomam e também dentro do contexto da própria discussão da ciência, da sua epistemologia, suas práticas e educação, também dos seus modos de avaliação e assim por diante. Nesse sentido, com o tempo eu fui tendo uma percepção, cada vez mais transcendendo a personalização, a questão das pessoas, e vendo que nós erramos, como que partículas atravessadas pela história, pelo todo maior dentro do qual nós estamos inseridos e que nos influencia e que coloca nossas pautas de discussões, de contradições, de conquistas e recompensas.

Nesse sentido, me vieram duas palavras à mente, associadas a esses fluxos de imagens, relacionados a esses acontecimentos todos que eu falo. Essas duas palavras são: construção e agonística. Construção, eu vou retomar essa palavra outras vezes, ao longo da minha fala, que não será longa, e agonística, eu pego agora brevemente o significado. E no sentido antigo, grego mesmo de Agom: a luta, o conflito. Os gregos, eles tinham a luta física como um espetáculo público, isso era o Agom e daí vem o termo agonística (luta, conflito). Agom significa, simultaneamente, empurrar o adversário, para traz na medida em que a própria pessoa se arremessa para frente, medição de forças então. E os gregos aplicaram agonística, também, não apenas para luta física, mas também para seus debates de fala, de oralidade, na Ágora, em Atenas, onde eles praticavam a sua democracia direta. Eles ali, também, praticavam a agonística no sentido de levar a extremos o embate, o diálogo, o confronto de idéias, mas os gregos também associaram o termo agonística a outra idéia muito importante. A agonística sempre, tanto fosse falando, ou seja, no embate corpo a corpo físico, ela tinha essa idéia de tentar empurrar o adversário para traz e se arremessam para frente, mas eles incorporaram essa idéia a algo muito importante que era mais que o respeito pelo adversário, a admiração ao adversário, porque tanto nos debates filosóficos e políticos quanto na luta corporal eles entenderam que quanto mais difícil fosse esse adversário, mais tremenda fosse a capacidade desses adversários e cada lutador conseguisse fazer frente a esse adversário tanto mais essa pessoa sentiria a sua própria força, a sua própria grandeza. Nesse sentido havia uma admiração muito grande pelo adversário e uma vontade de que esse adversário realmente fosse muito grande, cada vez maior, e que cada um de nós fosse capaz de enfrentar esse adversário numa ascensão cada vez maior dessas capacidades de confronto. Nesse sentido, a agonística então que era o exercício cada vez maior das suas próprias capacidades acabava virando também uma celebração do exercício dessas capacidades, desse crescimento, e por fim algo bem típico dos gregos de conflito, isto acabava virando uma confraternização entre os opostos. Esta palavra me ocorreu então para esse fluxo de imagens em que eu percebi que, ao longo do tempo, a agonística em que eu e nossos colegas travamos entre nós e numa percepção que esses embates sempre foram em contextos cada vez maiores. Eu não consigo me recordar de nenhum colega meu que eu não tenha visto debatendo arduamente com vários outros colegas e eu próprio não me lembro de nenhum colega com quem alguma vez eu já não tenha tido embates muito duros e também não me lembro de nenhum colega que não tenha chegado a uma grande harmonia, grande confraternização, isso em nome de construir algo em conjunto, algo coletivo, algo bom, algo em crescimento. A única colega que não tem

essa história é a nossa colega Vanda Ueda, porque chegou muito recente no departamento, mas em breve ela estará com a sua agonística.

Isto eu vejo como uma grande construção, porque e vejo com uma conquista de grande honra por parte de nós todos, porque foi enfrentando dificuldades, adversidades que nós vimos um curso crescendo e um curso que tem sua história, tem seu passado, mas não é uma história linear, porque ela se insere dentro de uma história maior que é a história do próprio Brasil e da universidade brasileira. Então é uma história com rupturas, com momentos de decadência, com reveses muito grandes e novamente sempre com reerguimentos, com retomada de forças, com respostas frente à adversidade e esse conjunto de adversidades fez com que muitas vezes nós nos lançáramos um contra o outro, mas aos poucos construindo essa perspectiva de ultrapassagem e de transcendência dessa questão menor para algo maior e nos vendo como colegas, companheiros e construindo juntos esta nossa instituição, este nosso edifício de idéias e de práticas que é a geografia, dentro da universidade, dentro do instituto e no conjunto do conhecimento do Brasil, do mundo e com as outras universidades. Isso me fez lembrar também um pouco sobre a história do curso, ou seja, nós estamos festejando hoje sessenta anos, portanto o curso iniciou em 1943 em pleno Estado Novo de Getúlio Vargas, vocês sabem Getúlio Vargas fez o seu golpe, a revolução foi em 30, mas depois houve o golpe da Revolução em 37 quando começou o Estado Novo. Em 1943, portanto quando começou esse curso nós estávamos em pleno Estado Novo. Uma época de grande repressão política que hoje nós sabemos que houve, torturas, assassinatos, mas contraditoriamente muitas pessoas defendem também esse período como um período de grandes conquistas políticas e inclusive trabalhistas. Há interpretações divergentes sobre esse período político. Fazia um ano que o Brasil havia declarado guerra aos países do eixo e um ano depois o Brasil entraria efetivamente na guerra, esse é o momento histórico da criação do Curso de Geografia aqui.

Esse curso viu a queda de Getúlio Vargas; o fim do Estado Novo; viu um esboço de democracia no governo de Gaspar Dutra; viu cinco anos depois essa democracia muito fraca entrar e declínio por questões de corrupção, alta inflação; viu o retorno pelas urnas de Getúlio Vargas ao governo; viu Getúlio Vargas entrando em choque com oligarquias, rurais e burguesas, e simultaneamente tentando novamente aplicar um golpe dentro do seu governo e reconstituir o Estado Novo; viu novamente a crise; viu a morte por suicídio de Getúlio Vargas em 1954; viu novamente uma breve democracia com o governo Juscelino Kubitschek e depois ele é substituído pela oposição com Jânio Quadros, era novamente uma república com altíssima inflação e novamente escândalos de corrupção; viu Jânio Quadros se referindo as forças ocultas e parece que com o objetivo de que as forças ocultas reeditar a política de

Getúlio Vargas de golpe dentro da própria eleição e instaurar um governo autoritário; viu Jânio Quadros sair do poder e João Goulart entrar; viu a tentativa de golpe em cima de João Goulart; viu o movimento da legalidade; uma brevíssima experiência de parlamentarismo associadas a lances novamente de corrupção e de instabilidade; viu o retorno ao presidencialismo; novamente períodos de turbulência; viu um golpe militar de vinte, vinte um anos, foi nesse período que eu entrei no curso, final desse período, primeiro como aluno depois como professor, nesse período nós tínhamos um chefe de departamento que não era eleito, ele era um interventor, posto pela reitoria que por sua vez era designada pelos regimes militares; foi o período da anistia novamente; retomada de inflação; novamente rumores de corrupção; vimos então a República Nova pulverizada pela alta inflação e novamente pela corrupção e cada vez mais a descoberta também das grandes corrupções no período militar; vimos Collor, depois Fernando Henrique e agora Lula, essa é uma história mais recente que eu acho não preciso ficar apontando em breves lances alguns momentos dessa história, mas é uma história que nós percebemos a constituição lenta de uma sociedade muito instável. Uma sociedade que reflete toda sua história anterior, reflete até mesmo a história do mundo ocidental. É uma história que até hoje não resolveu o problema das camadas populares; não resolveu o problema do próprio estado democrático, a democracia ainda é frágil; não resolveu dentro desse contexto ainda problemático a própria constituição a universidade, do conhecimento, das nossas praticas e é claro que tudo isso se reflete nos lugares que são próximos. O que eu quero dizer é que todos os conflitos que nós vivemos relacionados com currículo, pré-requisitos, avaliação, uso de recursos e assim por diante. Afinal são recursos contextualizados por essa história, são prolongamentos dessa história que vai refletir em cada universidade, cada instituto, em cada departamento, em cada sala de aula e é com essa história final que a nossa agonística diária tem se deparado e nós temos construído algumas soluções, alguns caminhos. Isso é motivo de grande gratificação, de grande alegria e cada pequena coisa, cada pequena conquista que nós fazemos nessa história é também tem que ser vista como uma conquista que extrapola esse contexto apenas local e que se insere na discussão da sociedade civil no próprio Brasil. Com todas essas dificuldades nós sabemos que a universidade se constrói; a universidade pública brasileira se constrói; a Ufrgs vêm se construindo com seus momentos difíceis, com seus melhores momentos; nosso Instituto de Geociências se constrói e nosso Departamento de Geografia também se constrói dentro desses conjuntos de contextos em diversas escalas. Então sempre muita dificuldade, muita luta, mas também uma lenta construção da nossa nação, da nossa identidade, da nossa cultura, da nossa

autonomia e nossa cidadania em fim. E é nesse que eu acho que nós participamos da história maior que é algo que eu só fui percebendo, como eu disse, com o tempo e que eu me orgulho muito de mim, de meus colegas atuais, passados, dos alunos e de todos nós que agonisticamente, muitas vezes, laçados uns contra os outros, fomos construindo juntos. Esta é a base do que eu queria dizer, é isso: a essa dupla relação entre satisfação, gratificação e também luta e que nós todos somos companheiros nessa luta.

Nessa luta continuam sempre me vindo imagens relacionadas a esses fatos todos e aí me vem outras palavras como, por exemplo: interação, fluxo, trocas e que podem ser sintetizadas pelas palavras: Rede e estrutura em crescimento, no sentido de que sempre são interações entre contextos fazendo trocas. A geografia fazendo trocas dentro da Ufrgs, dentro da geografia nacional, com a geografia européia, com a geografia do mundo, com as outras áreas do conhecimento e o presente fazendo trocas com o passado retomando contribuições do passado. Novamente como essa história não é linear o passado muitas vezes é esquecido, perdem-se documentos, perdem-se memórias, por isso são tão importantes os momentos, por exemplo, hoje nós vimos a professora Alba Batista Gomes e também o fortes de retomadas de memórias e de (re)significar coisas do passado, construções do passado, para o presente. Nesse sentido então uma permanente construção de um edifício simbólico, cultural, científico e que se desdobra como um edifício de práticas, de ações e de interações. Nesse sentido então de rede, trocas e de constituições de trabalhos eu me lembro de muitas coisas do passado, mas seria impossível me referir a tudo então em grandes lances foi procurar me referir a algumas coisas do presente. Eu vejo hoje nosso curso, departamento, em um movimento sempre de ampliação, de crescimento dessas articulações nas suas diferentes linhas de pesquisas, nos seus diferentes professores. Vejo, por exemplo, aquele grupo que constitui linha de pesquisa no pós-graduação e que tem também a sua consolidação na graduação que é a análise territorial; vejo os professores pesquisando, ensinando, recuperando memória relacionada a políticas territoriais em contextos articulados sempre abrangentes. Esse esforço deles me lembra a própria idéia, que me referia antes, da questão da agonística e de interpenetrações de contextos são tão significativos os seus trabalhos ainda esses dias eu relendo pedaços do livro do nosso colega Aldomar Hückert que chegou agora: A trajetória da terra. Eu vejo ali, por exemplo, que ele ao fazer sua análise da territorialidade do Rio Grande do Sul, mais especificadamente do planalto, ele faz a análise não apenas deste objeto, o Rio Grande do Sul e sua constituição de sua territorialidade, mas pra fazer isso ele resgata a geografia e a história, inclusive, exaustivamente no plano documental onde os documentos e as memórias de trabalhos anteriores a partir dos quais ele alicerçar sua análise. Nesse sentido é um trabalho

de uma geografia do Rio Grande do Sul como uma recuperação da memória da geografia e da história de autores anteriores, de documentos do Rio Grande do Sul. Nesse sentido é exatamente um desses momentos em que há um passado que de alguma maneira tem sua memória perdida e dentro dessa história que não é linear há um esforço de recuperação e de (re)significação disso para construção de uma outra análise e de uma outra trajetória. O livro dele, *A trajetória da terra*, acaba sendo duplamente sugerido para nós a trajetória da sua pesquisa e sua pesquisa dentro de um corpo de outros professores. Penso no meu colega o professor Álvaro que no seu livro, *Além do latifúndio*, e em artigos escritos com alunos ele junto com a análise territorial e de conceitos tradicionais da territorialidade, da geografia política e econômica. Ele também vai elaborando conceitos criados por ele ou ele (re)significa a partir de conceitos criados pela geografia e enfatiza em seu livro ou em artigos a questão da territorialidade simbólica e do pertencimento afetivo aos lugares e da construção desses laços de pertencimento e acompanhados da construção de símbolos culturais que estressem e agenciem esses laços de pertencimento. Vejo com esse trabalho se desdobra em trabalhos de alunos com mestrados orientados por ele ou orientados de graduação orientados por ele que começam a desdobrar esse trabalho e levar esse trabalho a aspectos e nuances que provavelmente sejam surpresas, são lances inesperados para o próprio Álvaro e por outros colegas.

Do mesmo modo eu vejo a Rosa Medeiros trabalhando também essas questões, fazendo estudos comparativos, por exemplo, do Rio Grande do Sul e outros estados do Brasil mostrando diferenças culturais e de diferenças de organizações políticas dos trabalhadores do movimento social sem-terra ou de pequenos agricultores ou de movimentos de atingidos por barragens. Construindo um painel do Rio Grande do Sul e do Brasil focado desta questão social dos trabalhadores e vejo como que a partir do trabalho da Rosa vem tantos outros alunos desenvolverem, desdobrarem e diversificarem esse trabalho com dimensões inesperadas pela própria Rosa em outras direções e prolongando esse trabalho. Na geografia urbana acompanho os orientados da professora Tânia Strohaecker analisando o crescimento urbano, o crescimento das cidades, os significados disso, o adensamento da cidade e também da malhas urbanas, as relações do Shopping Center com isso, a relação com planos diretores e também em aspectos relacionados com a cultura e aspectos simbólicos. Eu vejo sua fertilidade também no engajamento dos alunos da graduação a partir dessas propostas, dessas perspectivas, abertas pela professora Tânia. Em breve, ela se juntará a nós no mestrado a partir do seu trabalho de pesquisa de doutorado onde ela faz uma geografia urbana capaz de

criar subsídios para uma gestão urbana e ambiental em cidades do litoral norte do nosso estado. A ela se junta agora a professora Ueda, Vanda Ueda, que trabalha com a noção de redes, redes tecnológicas e também da criação, da consolidação, da rede urbano-regional do Brasil conectado ao mundo a partir dos avanços da tecnologia e que também já se integrou ao mestrado e que também trará contribuições tão grandes. O professor Luis Mazzini Fontoura que veio recentemente também para nosso departamento e que tem trabalhado na questão urbano-regional e introduzindo fortemente questões culturais relacionadas a isso. Até mesmo, resgatando figuras como Macanudo Taurino para fazer suas análises sua geografia e se colocar com uma força sugestiva para os alunos, para nossos trabalhos, enfim associando a questão territorial a questões culturais. Assim como nossos outros professores da área territorial fazem isso. Vejo no núcleo chamado de análise ambiental também os trabalhos importantíssimos dos nossos professores e não há como começar este núcleo se não for pelo trabalho de nossa colega Dirce Suertegaray que tem uma importância enorme na história do nosso curso, do departamento.

Se referia como um dos seus trabalhos exatamente o trabalho de campo em Alegrete com o professor Jean Tricart, e que na época era chamado de deserto, desertificação, e a professora Dirce, marcadamente começa sua trajetória de pesquisa, discutindo o conceito de desertificação e introduzindo o conceito de arenização, e eu acho que eu não preciso falar muito mais sobre isso; que eu vejo aqui uma quantidade muito grande de alunos de graduação, e eu acho que vocês conhecem o desenvolvimento dessa história, no que tudo isso deu, a importância que isso tem para o Departamento, a projeção nacional que esta pesquisa teve e como isso originou um grupo ligado à geomorfologia, ligado à professora Dirce, que se entrosou a essa questão e que depois, e que foram gradativamente tomando rumos próprios, e que foram diversificando, criando outras nuances e outras linhas de análise dentro de uma geomorfologia aplicada, extremamente associada também ao social, ao urbano e ao agrário, e a professora Dirce, por fim, sempre transitando numa evolução constante, associando seu trabalho à questões também de ensino, de epistemologia, e hoje ela trabalha com epistemologia, ao modo que cresceu na geomorfologia, tornou-se uma referência nacional, e migra hoje para a própria epistemologia da geografia e também se projeta agora como uma pensadora da epistemologia da geografia.

Falando da Dirce é impossível não associar de imediato à ela pessoas como o Roberto Verdum que trabalha com arenização e constrói sua identidade própria, com nuances próprias, trabalhando também de um modo extremamente significativo a questão ambiental associada ao social. Quando eu penso no Roberto, meu colega de tantos anos, eu penso também como a

figura do Roberto é distante de alguns estereótipos que muitas vezes nos assombraram como a dicotomia entre o físico e o humano; a geografia física é uma coisa completamente distinta da geografia humana, e se criam rótulos e estereótipos em relação a isso. Quando eu vejo o trabalho do Roberto, e em suas várias frentes que ele vem abrindo, como é impossível pensar nessa dicotomia pensando nos trabalhos do Roberto Verdum nessa integração entre o ambiental e o social, entre o físico que não se associa meramente ao ambiental, mas se associa também ao humano, e ao cultural que não se associa meramente ao humano, mas se associa também ao ambiental porque o ambiental é também permeado de valorações, percepções e, portanto, de cultura.

Penso no Basso que também quando trabalha os recursos hídricos como também é alguém tão distante dessas dicotomias, como trabalha da mesma maneira tão integrado o físico e humano, o ambiental e o cultural. E o Basso, por exemplo, me faz pensar em algo extremamente significativo, ele é alguém que tem a idade de júnior com o currículo de sênior. Doutor com sete ou oito orientandos em mestrado, adjunto quatro com uma sólida trajetória de pesquisa, e alguém que tem vinte ou trinta anos pela frente. E isso é uma marca do nosso Departamento, pessoas jovens com currículo de antigos, de seniores. E isso é algo extremamente significativo. Peguei o Basso como exemplo nesse momento talvez porque ele seja justamente um exemplo mais claro, mais distinto deste aspecto tão particular, pessoas com idade de júnior com currículo de sênior.

A professora Nina Simone Vilaverde Moura Fujimoto trabalhando também neste ponto de articulação, de encontro entre o ambiental e o social, usando a cartografia como um instrumento muito precioso para analisar a geomorfologia, mais precisamente a geomorfologia da região metropolitana, áreas de risco tanto no sentido erosivo quanto da inundação e neste trabalho na graduação e no pós juntando também estes lados que antes pareciam tão dicotômicos.

Dentro da análise ambiental eu vejo o Jéfferson Somões como um professor extremamente significativo, que dá uma projeção internacional ao nosso Departamento. Um glaciologista renomado trabalhando numa perspectiva da climatologia e da análise ambiental em escala planetária, e com um significado política extremamente importante na medida em que a própria pesquisa brasileira na Antártica é condição imprescindível para a própria participação do Brasil nos tratados internacionais sobre a Antártica. E o lado científico disso, no sentido de que consegue fazer uma análise ambiental planetária, e nesse sentido levantar questões sobre os próprios rumos do planeta, e o professor Jéferson consegue, em torno de si,

articular uma equipe onde se destacam o professor Francisco Eliseu Aquino e o professor Ulisses Franz Bremer trabalhando também em perspectivas semelhantes porém também com desdobramentos e nuances que certamente também constituem surpresas, desdobramentos e ampliações inesperadas desse trabalho iniciado pelo professor Jéferson. E como é interessante dentro da climatologia nós pensarmos no trabalho que desenvolve o professor Fernando Livi com a promessa e a efetividade de algo diferente e algo muito importante que é a associação da climatologia com questões de saúde. Alunos nossos que têm sido atraídos por esta relação, feito trabalhos e iniciados no mestrado e concluído seus mestrados inspirados originalmente na graduação por este trabalho, por esta pesquisa que o professor Livi desenvolve relacionando clima e saúde. Estaria por exemplo, o Cássio Luiz da Conceição um aluno nosso que fez seu mestrado inspirado nas aulas da graduação pelo professor Livi.

Na Cartografia penso no professor Vitor que com uma nova capacidade de utilização dos recursos tecnológicos, ele retoma a cartografia e dá a ela um sentido que talvez instrumental ou uma capacidade de pensar a própria metodologia da cartografia e do sensoriamento remoto como nós ainda não havíamos tido talvez até hoje, e como o Vitor procura trabalhar isso ligado também à reflexão e à construção metodológica relacionada a isto, e o Vitor tendo também seus vínculos principalmente com os Estados Unidos de publicação e de trocas de experiências e de construção metodológica relacionada à isto.

Penso em mim mesmo construindo também uma perspectiva em educação, tanto no sentido da educação formal àquela do colégio, do ensino fundamental do médio e também da graduação, mas também construindo uma perspectiva sobre a investigação e o fomento à educação não formal junto a organizações comunitárias ou mesmo ligado à escola, mas a desdobramentos da escola no trabalho com a comunidade, principalmente em escolas de periferias urbanas de condições sócio econômicas adversas e também com relações com a educação do campo e da educação especial para pessoas com necessidades especiais. E aí quando eu falo de mim eu penso que como é impossível apenas falar das pessoas do Departamento e como é necessário associar as pessoas que se juntam a nós e desenvolvem trabalhos, que pertencem ao curso mas não ao Departamento. Por exemplo, é impossível falar de mim e do meu trabalho em educação sem lembrar dos nossos colegas Antônio Carlos Castrogiovanni, Nestor, e no Colégio de Aplicação a Lígia Goulart, como companheiros que também trabalham na perspectiva da educação, fazem trocas e fazem esta educação cada vez mais crítica e criativa, e articulando tanto a educação formal quanto a não formal. E como também é impossível falar apenas no presente do Departamento ou do Curso e lembrar um passado muito recente de pessoas que continuam trabalhando na universidade, que se

relacionam também com a educação, como a professora Neiva, que trabalha no núcleo de integração universidade escola e que antes de mim tanto trabalhou também na educação. Quando eu falo nestas várias frentes, nestes vários desdobramentos também vejo como é difícil até mesmo a própria idéia da homenagem, que é justíssima que nós homenageemos os nossos antigos professores do Departamento, aqui representados na professora Alba de quem eu tenho recordações tão gratificantes, que contribuíram tanto na minha formação, e de outros professores convidados e que serão homenageados e que aqui estão presentes, e outros que por vários motivos não puderam vir, mas eu vejo como é difícil exatamente estabelecer os limites dessa homenagem possível. Eu exemplifico numa pessoa, o professor Carraro da cartografia e que tanta contribuição deu ao curso de geografia mas não fez parte do Departamento de geografia. Então aí é uma outra palavra que me vem a mente que é a palavra de incontornabilidade, ou seja, a impossibilidade de estabelecer contornos precisos em torno do que nós somos, hoje e no passado. Exatamente onde termina o departamento de geografia. É muito além de uma questão legal dizer que o departamento de geografia é o conjunto dos professores lotados no departamento de geografia. O departamento de geografia é muito mais do que isso, seus contornos não podem ser precisados em relação ao curso de geografia, o curso de geografia não pode ter seus contornos precisamente definidos por nenhuma questão regimental, legal, simplesmente formal, ele se esparrama pela universidade. O que é a UFRGS é algo também de limites totalmente impossíveis de serem definidos por uma questão meramente regimental, ou legal, ou formal. O que é a geografia é a mesma coisa, o que é o conhecimento, o que é a ciência, idem, e toda a nossa história, nossas práticas também jamais tem contornos possíveis de serem precisamente delimitados. Até onde vai a nossa história e até onde essa história ela não se confunde com a história maior do país, e do nosso país dentro de contextos maiores, e nós como sujeitos participantes desta história, sujeitos desta história.

A minha referência às diversas linhas de trabalho dos meus colegas do nosso curso, é também no sentido de mostrar que são trabalhos que se desenvolvem em várias direções e justamente criam ligações com a sociedade, criam ligações com o poder público, criam ligações com o mercado de trabalho, criam ligações com a educação, com a escola, com outras universidades, com o ensino em vários níveis, e com a educação formal ou não formal, e com o mercado de trabalho seja privado, ou seja, ligado ao setor público.

Eu destacaria neste momento apenas o setor público ligado ao estado e seus vários níveis como algo muito importante e exatamente para me referir ao início da minha fala que é

a questão de pertencermos a contextos maiores e termos a nossa agonística ancorada nestes contextos maiores. Os nossos trabalhos em diversas frentes eles se articulam ou têm a potencialidade de articulação com políticas públicas sejam federais, sejam estaduais, sejam municipais, têm contribuições muito importantes a dar, muitas vezes já têm se efetivado essa contribuição, e isso se relaciona exatamente com aquela história maior que eu me referia antes, com a constituição do estado e da sociedade brasileira, dentro da sua história, dentro dos contextos maiores, e nós participando deste grande conjunto, desta grande trajetória, e com os nossos trabalhos procurando esta relação. E não é possível, aqui, me referir a esta relação sem lembrar que se esta relação ela já tem um grau muito interessante de efetividade, de trabalhos que realmente, na forma de assessorias de parcerias e de outras formas, fazem efetivamente esta contribuição, mas por outro lado ela tem um lado muito maior de potencialidade não efetivada. Ou seja, a potencialidade do que nós poderíamos fazer, do que nós poderíamos contribuir, e esta potencialidade de maior relação com o estado, com as políticas públicas, também teria um grau muito maior de interação e de recursividade sobre o curso e, portanto, de transformação e evolução do curso, e de aceleração positiva das nossas agonísticas, esta potencialidade tem um grau de não efetivação muito maior do que aquilo que é muito grande que nós já efetivamos. Então, efetivamos muita coisa, contribuimos para muita coisa, mas todos nós, acredito, temos a consciência de que a potencialidade não efetivada, de que o desafio que está aí, dos espaços a serem ampliados e preenchidos nesta articulação com a constituição de políticas públicas e, portanto, de interação com a própria história do nosso país e constituição da nossa sociedade é algo muito maior e que aquilo que ainda não foi feito, e que nós sabemos que podemos fazer e que temos condições de contribuir, é muito maior do que aquilo muito que já fizemos, e que, portanto, a nossa agonística, longe de terminar, ela vai continuar, porque a nossa agonística feita até agora foi no sentido de exatamente construir esta história de comprometimento, de crítica construtiva, de criatividade, de interação, e, portanto, nós estamos lançados, tal como os gregos tanto acentuavam, arremessados por nós mesmos para frente, e nós certamente procuraremos esta luta, procuraremos este embate, e procuraremos olhando o tamanho da diversidade, o tamanho do desafio, nos orgulharmos de nós mesmos e construirmos esta nossa história.

Eu gostaria de finalizar com uma breve referência literária e uma breve metáfora, por eu acho que as metáforas sempre ilustram as nossas situações de vida. Aliás, mais do que ilustram, elas esclarecem, elas dão um contorno mais forte, significados maiores, e nos ajudam a compreendermos quem nós somos e agenciar nossas ações então para a continuidade. Antes de passar a esta metáfora, eu gostaria de dizer que eu citei nomes, eu citei

peessoas e certamente o que não é citado também é sempre maior do que é citado. Certamente eu esqueci nomes, eu esqueci exemplos, mas enfim, eu peço que vocês perdoem isso, mas é impossível a referência à todas as coisas. Assim como a referência a várias exemplificações possíveis de como o presente ele se alimenta das construções das pessoas anteriores, das pessoas que construíram a história anterior, como lançaram bases e como estas bases pela própria história maior são parcialmente perdidas, mas que pelo contínuo retorno destas pessoas, e pelo contínuo retomar de nossos trabalhos, parte desses significados são permanentemente retomados, recuperados e resignificados, enfim.

Bom, mas a minha metáfora literária é de um livro que tem um significado geográfico muito grande, geográfico e histórico muito grande, e que no ano passado eu até andei me referindo este livro numa palestra informal, numa fala informal que eu dei num lugar chamado Insano, durante o Café Geográfico que foi organizado pelo Grupo PET da Geografia, lugar este onde eu tive a oportunidade de dizer um monte de barbaridades, obscenidades e brutalidades referentes a história da humanidade. Eu retomo este livro hoje mas no seu sentido mais pacífico, mais harmônico e de bom exemplo digamos assim. Eu estou me referindo ao livro do Marco Pólo, porque como eu disse pra vocês, quando eu pensava qual seria a minha fala hoje aqui eu disse que vinham fluxos de imagens na minha mente, e que foram então estes fluxos de imagens que me deram a idéia da fala que eu faria. Pois bem, de ontem para hoje, eu me lembrei de um livro, que no seu término, também se refere a um fluxo de imagens. Eu não me refiro às versões infanto-juvenis do livro que são versões muito suaves, mas eu me refiro ao livro original mesmo, na sua versão grande, extensa, extremamente metódica, exaustiva, com grande grau de observação e detalhamento, e linguagem explícita dos acontecimentos que Marco Pólo testemunhou e até seu critério de tentar distinguir o que era realidade e o que eram fábulas que ele ouviu falar. Mas ao final do livro Marco Pólo relata exatamente um fluxo de imagens é quando ele e a sua família, ele já adulto, ele partiu adolescente para o oriente, e retornou um homem já maduro, já quase entrando em idade mais avançada, ele retorna ao ocidente, ele passou maior parte de sua vida no oriente, e no ano de 1295, em abril se eu não estou enganado, na localidade que se chamava então “Trambosina” que ficava perto da cidade que na época se chamava “Constantinopla”, portanto ele já estava na porta de entrada novamente do ocidente, numa noite ele pegou o seu cavalo em “Trambosina”, subiu até uma elevação e ele descreve que era uma noite semi-escura mas com algum luar, e que havia uma neblina que encobria todo o relevo e que dava um ar de sonho a tudo aquilo, e que na verdade ele retornava para a casa

que ele tinha lembranças antigas dessa casa mas que ele sentia já antecipada uma grande saudade por tudo que ele havia vivido no oriente, especialmente na corte de “Kubalaikan”, especialmente da princesa “Sulin” neta de “Kubalaikan”, de quem Marco Pólo era enamorado, e no alto dessa elevação olhando o relevo encoberto pela neblina e pirateado pelo luar e numa paisagem que convidava ao sonho, à reflexão, e muito pesaroso de tudo que ele deixava para trás, ele diz que ele teve um grande fluxo de imagens e que ele não sabe quanto tempo ele ficou ali dominado por esse fluxo de imagens. Esse fluxo de imagens eram de acontecimentos, batalhas, mortes, torturas, terríveis acontecimentos, acontecimentos agradáveis também, acontecimentos bons, mas que esse fluxo de imagens foi se cristalizando, foi se fixando mais no fluxo de rostos de pessoas, das pessoas e de acontecimentos com pessoas, e que por fim ele teve uma..., ele não usou essas palavras mas nós poderíamos dizer assim, uma grande viagem psíquica em que se sucediam diversos rostos que ele conheceu e ele enumera esses rostos que são muito longos, uma seqüência muito longa de enumeração, tanto de guerreiros, como de serviçais, de pessoas comuns do povo, de grandes personagens como o do próprio “Kublai” do “Lagu”, dos grandes personagens que ele conheceu. Ele foi lembrando desses rostos e foi sendo dominado por esse fluxo de imagens, ele disse que quase não pensava mais, ele se deixava dominar por essa sucessão de tantas pessoas, e ele pensava tanto naqueles que foram inimigos quanto que foram os amigos e tudo isso se dissolvia numa grande idéia de humanidade porque eram aquelas fisionomias passando por ele, e ia se lembrando disso tudo e esse fluxo passando por ele. Isso não é exatamente o final do livro de Marco Pólo mas está próximo do final do livro de Marco Pólo onde ele narrou tantas observações geográficas históricas e foi tão metódico em tentar discernir o que era real do que eram fabulações, do que ele mesmo viu e do que ele ouviu falar. Bom é um grande final, é um final emocionante, muito bonito mas que ele guarda algo muito interessante dentro dele, que esse final é só aparentemente um final. E por que aparentemente um final? Vamos nos lembrar de um aspecto muito interessante, Marco Pólo que nas suas viagens se tornou um poliglota e um homem de grandes conhecimentos era na verdade quase analfabeto. Ele não sabia ler e escrever, ou mal sabia ler e escrever. Tanto em italiano como em língua alguma. Mas, no entanto, nós sabemos que ele é autor de um livro extremamente meticuloso, e longo e cheio de observações. Portanto, isso já nos indica alguma coisa. O livro de Marco Pólo não foi exatamente escrito por Marco Pólo e, portanto, este final tão sugestivo que ele nos relata, não é o final da sua trajetória, portanto, já que o livro é posterior e o livro não pode ter sido exatamente escrito por Marco Pólo. Qual é a continuação desta história? Três anos depois, nas guerras comerciais entre cidades italianas, principalmente na guerra entre Veneza e Gênova,

Marco Pólo é veneziano e combate por Veneza, e é feito prisioneiro. Prisioneiro em Gênova, ele vai cair na mesma cela de um outro homem chamado “Rusticiano de Pisa”, que como o nome indica é da cidade de Pisa, mas que morava em Veneza e combatia por Veneza. Um homem já de mais idade. Ele não necessariamente combatia no sentido físico, mas ele assessorava, ele aconselhava a guerra. Era um intelectual extremamente letrado, de grande habilidade de escrita e de grandes leituras. Os dois permanecem por dois anos na mesma cela e se juntam esses opostos complementares. O homem de ação, o grande viajante, o homem que era capaz de absorver as informações, os fatos, os significados das culturas e dos territórios por onde ele viajou, mas que não sabia ler e escrever. Ele se junta ao homem extremamente letrado, toda a sua vida dedicada às letras, ao conhecimento, à erudição, mas que não era um viajante, que eu saiba ele nunca havia saído das cidades italianas, e que não era um homem de ação, mas que também era um grande escutador e um grande perguntador. Eles ficam ali dois anos prisioneiros, é concedido a eles o direito de terem pergaminho e tintas e durante dois anos Marco Pólo fala e “Rusticiano” escuta e pergunta e vai anotando as viagens de Marco Pólo. Do resultado desses dois homens tão diferentes e complementares sai este livro de Marco Pólo que é um dos livros mais significativos da história da humanidade, e que nos indica que aquele final, aquele quase final do livro de Marco Pólo, que é a sua grande viagem psíquica de fluxos de imagens e de rostos de pessoas, realmente não era o fim, era um fim apenas aparente, era na verdade..., aquilo seria reiniciado anos depois no seu encontro com “Rusticiano de Pisa” que é aquele que verdadeiramente escreve o livro de Marco Pólo. E se Marco Pólo viveu e observou e foi ao campo é a preocupação epistemológica de “Rusticiano de Pisa” que ao final dá o formato final a este livro e a este documento histórico e geográfico que é o livro de Marco Pólo. E eu quero então encerrar com a lembrança disso, com essa metáfora, exatamente porque eu tive fluxos de imagens nos dias que antecederam esta minha fala e este nosso dia de hoje de comemoração eu pressinto ele como sendo também um fim de um tempo. É um momento de reencontro e que eu sei também que será em algum sentido de despedidas. Se não despedidas pessoais, mas despedidas porque eu pressinto que nesses anos, especialmente nesses últimos anos com o mestrado, com o crescimento extraordinário do curso, com doutorado que será implantado, eu sinto que aquele curso que eu conheci e que nós tivemos por tanto tempo as nossas agonísticas que resultaram em algo tão bom, por obra das nossas próprias construções em certo tempo de um curso relativamente pequeno está acabando. Nesse sentido é uma despedida. Eu me sinto também como cavalgando até uma elevação e olhando para trás olhando para estes 19 anos que eu trabalho

na geografia... e aos quais se somam quatro anos que eu fui aluno da geografia e sinto que é como se eu olhasse um pouco para o oriente para onde eu passei a maior parte de minha e vejo fluxos de acontecimentos de imagens, de pessoas e de alguma maneira eu me despeço disso, porque eu sei que esse tempo, eu sinto, eu pressinto que esse tempo está terminando, eu sinto isso nos últimos anos, por que era uma casa familiar, era um curso relativamente pequeno e agora ele cresce e ele cresce cada vez mais, e as articulações se adensam, se intensificam, se complexificam e eu sinto que num futuro, já adivinho, é fácil olhar um horizonte em que as nossas relações serão mais complexas, mais densas e crescentes. Sinto que esse final é ao mesmo tempo um re-início e sinto que eu, meus colegas e aqueles que vêm junto conosco é como se fôssemos simultaneamente dois personagens, Marco Pólo e Rusticiano, aquele que tem um passado, que viu coisas e que terá um momento seguinte em que ele terá que fazer a sua elaboração escrita.

No momento em que ele encontra um momento superior, que é capaz de elaborar, escrever, e tornar comunicante toda a sua história anterior. Não que nós não tenhamos feito muitas comunicações em muitas obras e muitas articulações, mas o nosso próprio crescimento, aquilo que foi plantado até hoje, ele agonisticamente nos arremessa para um futuro que é fácil pressentir que será mais complexo, maior, mais abrangente e que de alguma maneira nós gradativamente estamos nos despedindo de uma história, talvez mais singela e nos arremessando para uma história de compromissos cada vez maiores e de compromissos que eu acredito que nos lançarão a este embate agonístico entre aquela contradição que eu falava antes, entre coisas, entre conquistas, entre potencialidades que foram numa larga medida realmente efetivadas, mas numa potencialidade que nós sabemos que tem muito mais ainda de não realizado, ainda não efetivado do que já realmente efetivado. Relacionados com políticas públicas, relacionados com compromissos com enlaços cada vez mais crescentes com a sociedade nas suas várias feições: educação, a escola, o mercado, o privado, o poder público e assim como o terceiro setor.

É por isso que eu lancei mão daquela metáfora, esse momento da passagem, de um história para outra, de fim e contínuo re-início, mas também por um outro motivo: porque essa metáfora ela nos mostra a complementaridade entre dois homens opostos, aquele que viajou, lutou, esteve com a espada na mão, chegou a matar pessoas, viveu momentos de perigo e observou... e aquele que era o letrado, que deu uma ordenação, uma organização e fez as perguntas metódicas e arrumou metodicamente, também, esse conjunto de observações que Marco Pólo foi capaz de fazer e guardadas na sua memória.

Por que essa referência a esses dois homens tão opostos e complementares? Porque na nossa caminhada, a nossa agonística muitas vezes, ela esteve baseada justamente nas nossas diferenças e nas possibilidades de nós costurarmos as nossas complementaridades. Em outros tempos já foi tão divergente a questão do físico e do humano, do instrumental e do teórico, do filosófico e do prático, a nossa agonística fez com que esses opostos fossem se costurando, se complexificando se interpenetrando cada vez mais. É como se todos nós simultaneamente fossemos o Marco Pólo e o Rusticiano e é o encontro desses opostos que faz a obra e que faz a riqueza e eu acredito que com as nossas várias direções diferentes e com o fato de que o nosso universo de atuação e a complexidade cada vez maior, faz com que nenhum de nós possa ser simultaneamente... responder simultaneamente por toda a abrangência da Geografia e da ciência, que faz com que nós reconheçamos cada vez mais as complementaridades necessárias entre todos nós e eu citei antes, direções diferentes de trabalho e eu gostaria de agora, sem chegar a colocar exemplos, alongaria demais, mas lembrar que todas essas direções diferentes elas convergem para a interação para a complexidade, tanto para a reflexão teórica quanto para a consequência prática e fundem o ambiental, o social, o físico e o humano, o prático e o filosófico e o exercício da profissão e das práticas profissionais com o exercício de pensar nas nossas próprias culturas, nossos próprios mitos e os nossos desejos mais profundos que são capazes de entrar em relação com esse nosso cotidiano de práticas mais habituais e mais prozaicas, digamos assim.

E tudo isso é sempre a continuidade da nossa agonística e ao longo do tempo nós aprendemos a fazer de forma mais harmoniosa, mais gratificante o que não significa que em nenhum momento nós abramos mão das nossas concepções mais fortes, e das nossas capacidades de entrar em embate com os nossos próprios colegas mas sabendo que tudo isso se alicerça num grande respeito e admiração e amor mesmo que nós construímos por esses nossos colegas e admiração. Tal como o antigo Agon grego, eles admiravam, respeitavam e afinal acabavam por ter grande consideração, respeito e amizade pelos adversários, no caso não mais adversários, mas aqueles que nós embatemos, porque o tamanho, a grandeza de nossos colegas com os quais nós exercemos a nossa agonística ela nos devolve por espelhamento o tamanho da nossa própria grandeza. Enfim, tal qual a metáfora nós conseguiremos prosseguiremos a construir essas complementaridades entre opostos e continuaremos nosso caminho agonístico, a nossa construção do nosso edifício cultural, científico e operativo cada vez mais, e eu sinto grande orgulho e felicidade por compartilhar meu cotidiano com os alunos, com quem eu compartilho, com os ex-alunos, hoje

profissionais, com quem compartilhamos, com os colegas de departamento com quem nós compartilhamos e com os colegas de outras áreas que também... porque os contornos não podem ser precisamente definidos, que nós compartilhamos nossas práticas no Instituto de Geociências, na Universidade e na rede de conhecimentos do Brasil e com o Mundo e o compartilhamento que nós fazemos com a constante interação entre a memória do que já foi feito, a história que já foi feita, as pessoas representativas dessa memória e com o presente que nós construímos e com a essa permanente reconstrução e (re)significados de ligações que nós fazemos com essa história.

Enfim, era isso o que eu queria dizer e muito obrigado.